

MAKING SPONTANEITY:¹ A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DA ESPONTANEIDADE

**EDUARDO GEORJÃO FERNANDES
GUILLERMO OMAR ORSI²**

RESUMO

A “espontaneidade” tem sido um elemento apontado por veículos midiáticos na descrição de ações promovidas por movimentos sociais. Esse é o caso do ciclo de manifestações de 2013 no Brasil e do ciclo de pannels da Argentina iniciado em 2012. A questão é que, quando um veículo midiático qualifica uma ação coletiva como “espontânea”, não ocorre um processo de explicitação do significado do termo, o que gera ambiguidades e contradições discursivas. Este estudo busca, a partir da análise do conteúdo de material jornalístico, abordar a seguinte questão: quais elementos estão presentes/ausentes na ação coletiva

¹Título inspirado no livro *Making News*, de Gaye Tuchman (1978).

²EDUARDO GEORJÃO FERNANDES: Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre e Doutorando em Sociologia pela UFRGS. Estuda a construção midiática de enquadramentos da ação coletiva e o uso de tecnologias policiais de vigilância a movimentos sociais.

GUILLERMO OMAR ORSI: Formado em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires (UBA) e Mestre em Sociologia pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estuda a relação entre o protesto social, redes sociais virtuais e os meios de comunicação de massas, em relação à produção de enquadramentos da ação coletiva, à participação social e à construção das identidades políticas.

quando esta é caracterizada como espontânea pela grande mídia, comparativamente a eventos tidos como não espontâneos? Como se dá esse processo de caracterização do protesto? Metodologicamente, foi analisado o conteúdo das coberturas tanto de eventos tidos como espontâneos quanto de eventos caracterizados como não espontâneos pelos jornais Zero Hora (no ciclo de protestos de 2013) e La Nación (nos painéis de 2012 e 2016). Como referencial teórico, o trabalho vincula-se aos autores da Teoria do Processo Político, com a operacionalização do conceito de enquadramento interpretativo da ação coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: espontaneidade; mídia; protestos

MAKING SPONTANEITY: MEDIA CONSTRUCTION OF SPONTANEITY

ABSTRACT

“Spontaneity” has been an element pointed by media vehicles in the description of actions promoted by social movements. This is the case of the 2013’s cycle of protests in Brazil and the “*panelaços*” of Argentina, a cycle of protests that begun in 2012. The point is that when a media vehicle qualifies a collective action as “spontaneous”, there is no process of explication of the meaning of the term, which generates discursive ambiguities and contradictions. The “spontaneous” action would be, *a priori*, recognized as more legitimate than the “non-spontaneous” or “organized” action. Based on the analysis of the content of journalistic material, this study seeks to address the following question: what elements are present or absent in a collective action when it is characterized as spontaneous by the mainstream media, compared to events considered as non-spontaneous? How does this process of characterizing the protest take place? Methodologically, we analyzed the content of the coverage of spontaneous events and of events characterized as non-spontaneous by the newspapers *Zero Hora* (during the cycle of protests of 2013) and *La Nación* (during the “*panelaços*” of 2012 and 2016). As a theoretical reference, the work is based on Political Process Theory.

KEYWORDS: SPONTANEITY; media; protests.

INTRODUÇÃO

A “espontaneidade” tem sido um elemento recentemente apontado por veículos midiáticos na descrição de ações promovidas por movimentos sociais. Esse é o caso, por exemplo, do ciclo de manifestações de 2013 no Brasil, cuja narrativa hegemônica é perpassada pela ideia de que o movimento teria sido espontâneo, principalmente no mês de junho – momento de ápice dos protestos em termos de número de manifestantes (Fernandes, 2016). Na Argentina um movimento de rechaço ao governo da Cristina Fernández, o *panelazo*, surgiu em 2012 para adquirir uma qualificação análoga (Gold, 2015).

A caracterização de uma ação coletiva como espontânea, porém, enfrenta uma dificuldade de conceitualização e uma consequência sobre a opinião pública. Quanto à dificuldade, o adjetivo “espontâneo” pode possuir vários significados:

Espontâneo. 1. Que ocorre naturalmente; cujo desenvolvimento não é premeditado; que não possui nem demonstra artificialismos; natural e sincero: sempre foi um sujeito muito espontâneo. 2. Que uma pessoa faz por si mesma sem que haja obrigação; voluntário: ele fez a doação de modo espontâneo. 3. [Botânica] Vegetação Espontânea. Diz-se da vegetação que se desenvolve sem a interferência do homem, ou seja, naturalmente; selvagem ou silvestre. 4. Que se expressa de maneira irrefletida (sem reflexão): a conversa foi muito espontânea. 5. Cujos desenvolvimento (e resultado) só depende da pessoa ou coisa que o compõe: fogo espontâneo.³

No momento em que um veículo midiático qualifica uma ação coletiva como “espontânea”, não ocorre um processo de explicitação do significado do termo, o que gera ambiguidades e eventuais contradições discursivas. O que é “espontâneo” pode ser entendido como sinônimo de “natural”, “voluntário”, “irrefletido”, “não causal”, etc – termos que guardam relevantes diferenças entre si. Ainda assim, a identificação de determinados repertórios de ação coletiva como “espontâneos” pela mídia é um procedimento preponderantemente empírico, que não se guia por parâmetros analíticos, mas sim por uma “percepção” dos jornalistas (e de outros atores que trabalham no jornal) sobre a realidade. As teorias dos movimentos sociais, por outro lado, informam que a ação coletiva

³ Fonte: <<http://www.dicio.com.br/espontaneo/>>. Acesso em: 25.07.2013.

apenas torna-se possível por meio da mobilização de recursos materiais (é o caso da Teoria da Mobilização de Recursos) e em função de conjunturas específicas, nas quais uma estrutura de oportunidades políticas favorece a adoção de determinados repertórios (a estrutura de oportunidades políticas é um conceito central para os autores vinculados à Teoria do Processo Político) (Alonso, 2009). Essas teorias, portanto, pouco trabalham com a noção de espontaneidade, com exceção de recente estudo de Snow e Moss (2014), o qual buscou sistematizar o uso do conceito de espontaneidade para caracterização da ação coletiva.

Como consequência da utilização (imprecisa) da noção de espontaneidade, os repertórios assim caracterizados, especialmente no contexto da América Latina, podem ser identificados como antônimos de “provocado”, “sugerido”, “induzido”. Em contextos nos quais a própria concepção de “interesse político” é negativamente valorada, reconhecer uma ação como espontânea pode ser assumido como positivo pela opinião pública, como se uma ação “espontânea” fosse, *a priori*, mais legítima do que uma ação “não espontânea”, “organizada”, “partidária”. Essa consequência é problemática quando, como já referido, não se define o que é entendido por “espontâneo”.

Considerando-se a ausência de explicitação desse conceito na grande mídia (a despeito de sua ampla utilização), este estudo busca, a partir da análise do conteúdo de material jornalístico, investigar a seguinte questão: quais elementos estão presentes/ausentes na ação coletiva quando esta é caracterizada como espontânea pela grande mídia, comparativamente a eventos tidos como não espontâneos? Como se dá esse processo de caracterização do protesto?

Para responder a esses questionamentos, trabalha-se a partir da perspectiva dos enquadramentos interpretativos da ação coletiva (Benford, 1997; Snow e Benford, 1988; Snow e Benford, 1992). Entende-se, por esta linha teórica, que os veículos midiáticos constroem, a partir da multiplicidade de interpretações possíveis, um “esquema interpretativo que simplifica e condensa o ‘mundo lá fora’, salientando e codificando seletivamente objetos, situações, eventos, experiências e sequências de ações num ambiente presente ou passado” (Snow e Benford, 1992, p. 137).

Postula-se que a variação em determinados elementos do protesto é o que produz interpretações diferentes sobre a espontaneidade nas manifestações. Aduz-se, ainda, que a variação desses elementos, no limite, atua sobre a opinião pública, no reconhecimento da ação coletiva como legítima ou ilegítima (dada a valoração positiva implícita à ideia de espontaneidade).

METODOLOGIA

Metodologicamente, foi selecionado conteúdo jornalístico dos jornais Zero Hora, na cobertura das manifestações de 2013, e La Nación, na cobertura dos painéis de 2012. Zero Hora⁴ é considerado o maior jornal do estado do Rio Grande do Sul e produziu ampla cobertura aos protestos ocorridos na cidade de Porto Alegre. *La Nación*⁵ é o segundo jornal mais importante da Argentina (após o *Clarín*); porém, foi escolhido por disponibilizar as suas matérias completas em versão *online*.

Quanto ao conteúdo selecionado, foram coletados, em relação a cada jornal, materiais produzidos a respeito de dois eventos de protesto: um identificado como espontâneo e um qualificado como não espontâneo. Essa escolha baseou-se no objetivo de serem identificadas as diferenças e semelhanças nos elementos de cada tipo de protesto, para que se analise o significado de “espontaneidade” construído pelos meios de comunicação. Foi analisado o conteúdo produzido no dia imediatamente seguinte à ocorrência dos eventos.

A escolha por um jornal brasileiro e um argentino decorre da hipótese de que há uma dinâmica comum nos processos de enquadramentos da grande mídia da América Latina, em torno da construção da ideia de espontaneidade em disputas políticas. As dimensões analisadas foram: amplitude da cobertura, seção do jornal, tamanho da manifestação, identidade dos manifestantes, reivindicações, repertórios dos manifestantes, repertórios policiais, espontaneidade. A análise foi realizada com a utilização do software NVivo 10.

AS MANIFESTAÇÕES NA ARGENTINA DE 2012 A 2016

O ciclo de protestos de 2012 foi reconhecido pela grande mídia nacional, pelos atores políticos e por parte da literatura como “espontâneo”, surgido da insatisfação cidadã não somente com as políticas adotadas pelo governo, senão que sustentado numa multiplicidade de reclamações (contra a corrupção, reforma da constituição, insegurança, contra as limitações na compra de dólares), as quais muitas vezes não falavam em fatos políticos, mas atingiam (xingavam) diretamente a figura da presidente ou do vice-presidente. Alguns autores viram na negatividade das manifestações a continuação das queixas surgidas durante a crise de 2001 e, inclusive, a continuidade da crise de representatividade no país

⁴Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/>>. Acesso em: 20/10/2016.

⁵Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/>>. Acesso em: 20/10/2016.

(Gold, 2015). O ciclo de manifestações argentino de 2012, diferentemente do brasileiro (2013), aconteceu num período de tempo muito prolongado, deixando entrever a organização dos diferentes atores diante das futuras manifestações. A definição de espontâneo utilizada pela mídia na cobertura dos primeiros protestos foi vinculada ao sentido de não organizado e inesperado; o último sentido, porém, foi sendo abandonado conforme as mobilizações eclodiram.

O ciclo de protestos de 2016 ocorreu em agosto do referido ano, e ainda é uma incógnita sua consolidação no tempo (crescendo ou não), mas já foram produzidas interpretações divergentes com as do ciclo anterior. Os protestos de 2016 são enquadrados no rechaço às políticas adotadas pelo governo Mauricio Macri nos primeiros sete meses da administração, relacionadas fundamentalmente ao fim dos subsídios aos serviços públicos (eletricidade, água e gás) e ao aumento dos mesmos, duas decisões que levaram à multiplicação de seu valor (entre 400 e 1500%).

Tendo em mente as considerações apontadas, serão comparadas as matérias realizadas pelo jornal *La Nación*, em relação às manifestações do dia 13/09/2012 e 14/07/2016, respectivamente.

A COBERTURA DE *LA NACIÓN* AO PROTESTO DE 13 DE SETEMBRO DE 2012

Na cobertura ao protesto de 13 de setembro, na edição do 14 de setembro, *La Nación* publicou uma nota de opinião (“*El cuestionamiento de la Clase media urbana*”), oito notícias (“*Yo nerviosa no me voy a poner, tranquilos*”, “*Defraudados e impotentes*”, “*El gobierno minimizó el impacto político*”, “*La difícil tarea de sostener ‘el relato’*”, “*Las consignas que dominaron la marcha*”, “*Los vecinos no esperaron ordenes*”, “*Um massivo cacerolazo de protesta contra el gobierno se sintio en todo el pais*”, “*Un mensaje a Cristina y otro para la oposición*”), e um editorial, publicado tardiamente no dia 15 de setembro de 2012 (“*Cacerolas que convocan a la unión de los argentinos*”), em relação às manifestações. As matérias continuaram se produzindo nos dias seguintes, mas para os fins da análise só serão consideradas essas.

Da classificação das notícias surge que as manifestações foram definidas como “espontâneas e apartidárias”, vinculadas numa série de manifestações que compartilham essas características. A organização e convocatória das mesmas teria tido lugar nas redes sociais (*Internet*), sem vínculo com as organizações tradicionais da política ou os movimentos sociais, constituindo-se em protestos “cidadãos”. Os repertórios do protesto, que deram nome à manifestação (*cacerolazo* = Panelaço), são principalmente o batimento de painéis para produzir barulho, porém o barulho (real objetivo do repertório) não tem sido produzido somente com painéis,

senão que foram usados outros elementos, inclusive as palmas. Isso é importante porque, como aponta Gold (2015), no ciclo de protestos de 2001, na Argentina, a utilização das painéis nas manifestações se estabeleceu como o símbolo do evento, diante o empobrecimento de amplas camadas da população. Uma painel podia ser utilizada para protestar, porque encontrava-se vazia, ou seja, quem a utilizava tinha fome e, provavelmente, não tivesse emprego (lembrando que as manifestações de 2001 aconteceram principalmente durante as manhãs, diferentemente do ciclo de manifestações de 2012, que aconteceu às noites).

Reforçando a ideia de uma dinâmica não organizada, nem estruturada, o jornal aponta que “As músicas também foram improvisadas pela massa” (tradução própria). Por outra parte, em relação com as demandas o jornal destaca que o protesto teve pautas “tão claras quanto partidárias”; as pautas mobilizadas foram contra a “crescente insegurança e a galopante inflação, contra a reforma constitucional, pelo freio à corrupção” (tradução própria) e “certamente também pelos efeitos prejudiciais do *cepo cambiário*”⁶ (tradução própria). Outras definições do veículo assinalaram que quem se manifestou o fez “desde o sentimento de afobação ao qual é levado pelo governo atual”. Também se aponta que a “classe política” em geral teria sido criticada por uma parcela dos manifestantes.

Uma parte importante dos textos que cobriram as manifestações é reservada para explicar as causas e a razoabilidade dos manifestantes em se engajar no protesto, assim como a legitimidade dos protestos:

“Oficialmente não são admitidas nem a insegurança, nem a inflação; cada vez mais liberdades individuais estão sendo cortadas e quando exercidas, como aconteceu anteontem, com o direito a se manifestar de milhares de pessoas fazendo bater as painéis, suas pautas são minimizadas pelo governo” (tradução própria).⁷

E ainda:

“As painéis, as bandeiras e os cartazes partidários de anteontem em favor do respeito pela Constituição Nacional, contra a reeleição e em demanda de segurança, entre outras questões de vital transcendência, são a amostra mais visível de que não todo funciona como querem fazê-lo ver” (tradução própria).⁸

⁶ Limitação imposta à compra de dólares.

⁷ Cacerolas que convocan a la unión de los argentinos. *La Nación*, Política, 15 set. 2012.

⁸ Cacerolas que convocan a la unión de los argentinos. *La Nación*, Política, 15 set. 2012.

Nas manifestações de 2012 não aconteceu uma repressão do protesto por parte da polícia. É importante destacar que após a crise de 2001 que acabou com uma repressão que ocasionou a morte de mais de 38 pessoas no país entre o 19 e 20 de dezembro⁹, o governo do Nestor Kirchner e, posteriormente, da Cristina Fernández, caracterizou-se por não reprimir o protesto social. Areladas a essa característica governamental, as manifestações foram definidas como pacíficas; “(a manifestação) se desenvolveu de forma tranquila e sem incidentes” (tradução própria)¹⁰.

Quanto à cobertura sobre a organização do protesto, no jornal destaca-se que o mesmo foi “espontâneo e apertidário. A convocatória foi realizada pelas redes sociais e não identificou-se com nenhum líder nem agrupação” (tradução própria)¹¹; ainda, destaca-se que o protesto é mais um evento de um ciclo de manifestações que teriam acontecido anteriormente: “antercedentes. Os protestos espontâneos anteriores se registraram em 31 de maio, e 7 e 14 de Junho e no 4 de setembro” (tradução própria).¹²

TABELA 1 – COBERTURA DE LA NACIÓN AO PROTESTO DE 13 DE SETEMBRO DE 2012.

Amplitude da cobertura	1 nota de opinião, 8 notícias, 1 editorial
Seção do jornal	Política
Tamanho	Milhares de manifestantes
Identidade dos manifestantes	Cidadãos, apertidários, não vinculados a organizações
Reivindicações	Rechaço à reforma da Constituição Nacional, demanda por segurança, demanda pela alta inflação, demanda pelas restrições à compra de dólares, rechaço generalizado ao governo nacional.
Repertórios dos manifestantes	Batimento de panelas, cantos, passeatas
Repertórios policiais	Vigilância sem repressão.
Espontaneidade	Sim

Fonte: autoria própria.

⁹ <http://archivodecasos.com.ar/archivo/los-muertos-de-2001/>

¹⁰ Un masivo cacerolazo de protesta contra el Gobierno se sintió en todo el país. *La Nación*, Política, 14 set. 2012

¹¹ Un masivo cacerolazo de protesta contra el Gobierno se sintió en todo el país. *La Nación*, Política, 14 set. 2012

¹² Un masivo cacerolazo de protesta contra el Gobierno se sintió en todo el país. *La Nación*, Política, 14 set. 2012.

A COBERTURA DE *LA NACIÓN* AO PROTESTO DE 14 DE JULHO DE 2016

Na cobertura ao protesto de 14 de julho, no dia 15 de julho de 2016, *La Nación* publicou quatro notícias (“*Macri defendió a Aranguren y pidió otra vez consumir menos energía*”, “*El optimismo macrista, acosado por el bolsillo*”, “*El intendente agredido acusó al kirchnerismo*”, “*Primer cacerolazo contra Macri por la suba de tarifas*”). Não foram produzidas notas de opinião nem editoriais sobre o acontecimento na primeira edição após o protesto, nem nos dias seguintes.

Da classificação das notícias surge que a manifestação foi definida como convocada por “distintas organizações de esquerda e kirchneristas, mas posteriormente se traduziu num ‘barulhão’” (tradução própria)¹³. A manifestação, organizada nas redes sociais, da mesma forma que o panelaço do 13 de setembro de 2012, teve o cuidado de mudar o nome do repertório, e escolher “barulhão” em lugar de “panelaço” para se diferenciar daquela manifestação. Ainda sobre a organização do protesto, na notícia que relata o acontecimento de violência que o prefeito governista teria sofrido, se destaca sua declaração; “o chefe municipal denunciou que o protesto não foi organizado por vizinhos autoconvocados e sim pela diligência e militância do kirchnerismo” (Tradução própria)¹⁴. Na notícia assinala-se que dois policiais municipais foram feridos assim como o prefeito, outro funcionário municipal e um jovem de 15 anos. Na notícia, ainda, tem destaque uma fala do prefeito, que disse “poderiam ter me matado” (tradução própria).¹⁵

Considerando a baixa ressonância (Koopmans, 2004) que o evento teve no jornal, (em relação com o evento do 13 de setembro de 2012) há poucas referências à quantidade de manifestantes que o protesto atingiu, porém há uma sugestiva indicação de que teria tido pouca participação: “Macri deixou a Casa Rosada antes das 19 horas, quando umas poucas painelas começavam a soar no obelisco” (tradução própria)¹⁶. Contudo, outra das notícias refere-se à manifestação como “o primeiro grande protesto contra Macri” (tradução própria), não há referências específicas da quantidade de pessoas mobilizadas e inclusive tenta-se evitar a definição da magnitude; “protestaram frente ao obelisco” (tradução própria).

Em relação às demandas o jornal destaca uma pauta só, contra o aumento das tarifas dos serviços públicos e, atrelada a ela, a demanda pela renúncia do

¹³Primer cacerolazo contra Macri por la suba de tarifas. *La Nación*, Política, 15 julho. 2016.

¹⁴El intendente agredido acusó al kirchnerismo. *La Nación*, Política, 15 julho. 2016.

¹⁵El intendente agredido acusó al kirchnerismo. *La Nación*, Política, 15 julho. 2016.

¹⁶Macri defendió a Aranguren y pidió otra vez consumir menos energía. *La Nación*, Política, 15 julho. 2016.

ministro de energia, “no centro das demandas esteve o Ministro de Energia, Juan José Aranguren, a quem foi pedida a demissão ontem” (tradução própria).

Assim como na cobertura da manifestação do 13 de setembro de 2012, partes das notícias referiam o contexto político e as causas que motivaram o evento. Nesse sentido tem destaque uma fala do presidente Macri, que justifica o aumento no preço dos serviços públicos: “Dez anos de má energia nos levaram a ficarmos sem a energia suficiente, não somente para viver, senão para nos desenvolvermos”¹⁷, disse e insistiu com seu pedido para a população “reduza seus consumos” (Tradução própria).

TABELA 2– COBERTURA DE *LA NACIÓN* AO PROTESTO DE 14 DE JULHO DE 2016.

Amplitude da cobertura	4 notícias
Seção do jornal	Política
Tamanho	“Grande protesto”
Identidade	Militantes de organizações de esquerda e kirchneristas.
Reivindicações	Rechaço ao aumento das tarifas dos serviços públicos.
Repertórios dos manifestantes	Barulho, cantos
Repertórios policiais	Incidentes isolados
Espontaneidade	Não

Fonte: autoria própria.

O CICLO DE MANIFESTAÇÕES DE 2013 NO BRASIL

O ciclo de protestos de 2013 no Brasil foi reconhecido pela grande mídia nacional e por parte da literatura como um movimento “espontâneo”, oriundo da insatisfação da população brasileira em relação a diversas pautas (embora inicialmente a demanda dos protestos tenha sido o transporte público) (Dowbor; Szwako, 2013). Porém, o ciclo de manifestações não se limitou ao mês de junho, sendo que em determinadas cidades protestos pelo transporte público foram realizados desde janeiro. Este foi o caso de Porto Alegre/RS (Fernandes, 2016). Até que os protestos atingissem seu ápice em junho, manifestações pelo transporte público foram realizadas e não reconhecidas como espontâneas. Apenas em

¹⁷Macri defendió a Aranguren y pidió otra vez consumir menos energía. *La Nación*, Política, 15 julho. 2016.

junho a “espontaneidade” tornou-se uma interpretação predominante do ciclo de protestos. Por esse motivo, são comparadas as interpretações do jornal *Zero Hora* ao protesto de 27 de março (início do ciclo) e ao protesto de 13 de junho (ápice do ciclo).

A COBERTURA DE *ZERO HORA* AO PROTESTO DE 27 DE MARÇO DE 2013

Na cobertura ao protesto de 27 de março, *Zero Hora* publicou, em 28 de março, uma nota (“Protestos abusivos”), um editorial (“Limite ultrapassado”) e uma notícia (“Pedras e baderna na capital”).

A manifestação de 27 de março não foi caracterizada como espontânea, mas sim organizada por grupos políticos específicos. Na notícia “Pedras e badernas na capital”, o jornal aborda, como tema central, a caracterização da identidade dos manifestantes. Em síntese, é dito que o protesto foi comandado por um “grupo de esquerda”. Ao longo do texto, busca-se detalhar quais seriam os grupos que compuseram as “centenas de pessoas” presentes no protesto. O jornal enfatiza a ligação de manifestantes a partidos políticos de esquerda (PSOL, PT, PSTU), embora seja feita a ressalva de que o Bloco de Lutas¹⁸ seria também composto por integrantes não vinculados a partidos políticos, como “estudantes”, “radicais anarquistas” e “alas de funcionários das concessionárias do transporte público”. Ainda assim, a notícia atribui relevância à presença partidária no ato:

“Bandeiras do PSTU foram vistas, mas não é hábito a explícita identificação partidária. Nos protestos, costumam se mostrar como integrantes dos chamados coletivos, como o Juntos, ligado ao PSOL, que esteve na organização da manifestação. Também se posicionaram à frente do movimento os Diretórios Acadêmicos (DCEs) de PUC e UFRGS, ambos comandados em conjunto por militantes e simpatizantes do PSOL, PT e PSTU, além de anarquistas que não permitem a “partidarização” dos protestos (grifos nossos)”.¹⁹

¹⁸ O “Bloco de Lutas Pelo Transporte Público”, um bloco formado por grupos de orientação de esquerda, com atuação em diversos eventos da cidade (Muhale, 2014).

¹⁹Pedras e baderna na capital. *Zero Hora*, Geral, 28 mar. 2013, p. 54.

Apesar dessa ênfase, entrevista com a presidenta do DCE da PUCRS à época expõe o repúdio dos(as) organizadores(as) do ato à vinculação do Bloco de Lutas a partidos políticos específicos. Assim assevera a notícia: “Entre os organizadores, é repudiada a ideia do vínculo das manifestações com partidos políticos”. Assim, *Zero Hora* salienta a existência de certa multiplicidade de atores no protesto, embora seja o Bloco de Lutas identificado como o protagonista da manifestação. É narrada, nesse sentido, integração entre os(as) manifestantes em torno do grupo.

Quanto à caracterização da demanda da manifestação, a notícia de *Zero Hora* refere que o ato foi realizado “contra o aumento da passagem do ônibus para R\$ 3,05”. Mais especificamente, é afirmado que a bandeira do Bloco de Lutas seria a “redução imediata do valor da passagem de ônibus para R\$ 2,60”. Nesse sentido, a causa do transporte público é reconhecida como a única bandeira presente no ato.

Ao final da notícia, é citada a previsão de realização de outras manifestações, “relacionadas à Jornada de Lutas da Juventude Brasileira”, bem como a ocorrência, na manhã do dia 27 de março, em frente à sede do Grupo RBS, de outro ato, “pela ‘democratização dos meios de comunicação’, reforma política e redução da jornada de trabalho, entre outras reivindicações”.

Quanto aos repertórios de manifestantes, a ênfase da notícia recai sobre o uso de repertórios de dano a patrimônios (identificados sob o termo “depredações”), por parte de ativistas. Essa ênfase é evidenciada já no título da notícia e é reforçada, posteriormente, na chamada da notícia, com a descrição da forma como os(as) ativistas teriam atingido o prédio do poder municipal. Além disso, a notícia refere que “o ato chegou a manter cerrados dentro do Paço Municipal o vice-prefeito Sebastião Melo, secretários, vereadores e servidores públicos”, assim como relata a “depredação... de viaturas da Guarda Municipal”. Diferentemente do que ocorre no caso dos repertórios dos(as) manifestantes, com a descrição detalhada de atos de “depredação”, a forma como se deu a ação policial durante o protesto não consiste em um conteúdo sobre o qual se detém a notícia. O único momento em que a ação policial é citada ocorre quando se relata que uma ativista foi detida durante o protesto e encaminhada ao Palácio da Polícia. Entretanto, não se descreve o modo como foi efetuada a detenção, assim como não são citados os demais procedimentos utilizados pelo policiamento diante da manifestação.

TABELA 3 – COBERTURA DE *ZERO HORA* AO PROTESTO DE 27 DE MARÇO

Amplitude da cobertura	Uma nota, um editorial e uma notícia
Seção do jornal	Geral
Tamanho	Centenas de manifestantes
Identidade dos manifestantes	Grupos de esquerda (vinculação aos partidos PT, PSOL e PSTU), estudantes, radicais anarquistas, alas de funcionários das concessionárias do transporte público
Reivindicações	Transporte público (contra o aumento da tarifa)
Repertórios dos manifestantes	Passeata, danos a patrimônios (depredação)
Repertórios policiais	Prisão de manifestante
Espontaneidade	Não

Fonte: autoria própria.

A COBERTURA DE *ZERO HORA* AO PROTESTO DE 20 DE JUNHO DE 2013

Na cobertura ao protesto de 20 de junho, Zero Hora publicou, em 21 de junho, uma reportagem especial, com diversas notícias específicas sobre os eventos ocorridos àquela data, tratando de protestos ocorridos em várias cidades do Brasil (as notícias são: “O Brasil sacode”; “Tensão no planalto: Presidente convoca reunião emergencial”; “Eco no interior: Protestos pelo Rio Grande afora”; “Em Porto Alegre milhares sob chuva e frio”; “Confronto, depredação, saque: A violência se repete”; “Fora Partidos: militância política é hostilizada em SP”; “No Rio foi hora do V de vinagre”; “Tensão em Brasília: Fogo e invasão da sede da diplomacia”; “Dia de tensão: conflito nas ruas da Bahia”). Além disso, foram publicados dois artigos (“Entre o Civismo e o vandalismo; Protestos e vaias”), uma coluna (“Começou bem, terminou mal”) e uma nota (“Portas abertas aos manifestantes”).

Quanto à descrição do protesto do dia 20 de junho, a cobertura da Zero Hora é dividida em dois momentos. Em cada um deles, há uma descrição específica acerca da identidade dos(as) manifestantes. No primeiro desses momentos, o jornal enfatiza o “ânimo” daqueles que compareceram ao evento e salienta o número de pessoas presentes à manifestação, qualificando o conjunto de ativistas como uma “multidão”, formada por “milhares de pessoas” (“pelo menos 20 mil, segundo estimativa da Brigada militar” é a informação divulgada por Zero Hora). A “multidão” é descrita pelo jornal como sendo formada majoritariamente por indivíduos “pacíficos” e contrários a atos de depredação a patrimônios.

Outro ponto relevante, ligado à composição dos grupos durante o protesto, é a rejeição de parte das pessoas presentes no ato a partidos políticos, conforme se extrai de alguns trechos da notícia:

“- Baixa a bandeira! O povo, unido, não precisa de partido! – gritava a multidão encharcada, sempre que via tremular o estandarte de alguma agremiação política.

[...]

Vendo que havia a bandeira de um partido puxando a caminhada para um dos lados, muitos optaram pelo sentido oposto.

- Volta! Volta! Atrás de partido não! – reclamaram”.²⁰

Esses trechos demonstram a complexidade da composição do protesto do dia 20 de junho. Enquanto, no evento de 27 de março, as notícias de Zero Hora relataram a presença de partidos políticos de “esquerda”, de agremiações estudantis e de coletivos anarquistas (estando todos esses grupos aglutinados em torno do Bloco de Lutas pelo Transporte Público), na notícia do dia 20 de junho é a oposição a partidos o principal aspecto ressaltado. A presença de ativistas classificados como “apartidários” é também confirmada pelas imagens de ativistas portando as bandeira do Brasil e do Rio Grande do Sul. Além disso, a notícia narra conflitos em torno do trajeto da manifestação, destacando a ausência de uma “liderança” que coordenasse a marcha.

Em relação às reivindicações dos(as) ativistas, o dia 20 de junho é marcado como um momento em que as pautas diversificam-se, abrangendo temas que não se restringem à luta pelo transporte público. Segundo Zero Hora, teriam estado presentes nos protestos demandas sobre os seguintes temas, todos ligados, pelos termos do jornal, ao objetivo de “construir um país melhor”: transporte público, habitação, contra a corrupção, contra os gastos de obras para a Copa do Mundo de 2014, contra projetos em tramitação no Congresso, como a “cura gay”²¹. Nesse sentido, os gritos identificados pelo jornal no curso da manifestação são diversos. Por um lado, mantém-se a pauta do transporte público, sob as palavras de ordem

²⁰ Em Porto Alegre milhares sob chuva e frio. *Zero Hora*, Geral, 21 jun. 2013, p. 6.

²¹ A contrariedade à “cura gay” faz referência a um Projeto de Decreto Legislativo, protocolado em 2011, com a proposta de suspender resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que proíbe aos profissionais de psicologia a participação em terapias para alteração da orientação sexual.

“Quem não pula quer aumento!”. Por outro turno, somam-se gritos de críticas generalizadas a partidos políticos: “O povo, unido, não precisa de partido!”.

Por fim, Zero Hora dedica uma notícia específica (“Confronto, depredação, saque: A violência se repete”) para narrar as interações entre manifestantes e policiais. O jornal informa que as situações conflituosas do evento teriam sido levadas a cabo por “uma parcela minoritária” dos(as) manifestantes, considerados “vândalos infiltrados entre os ativistas”. Segundo a notícia, o estopim do confronto entre polícia e manifestantes teria ocorrido quando “manifestantes atiraram coquetel *molotov* e pedras contra o PM”, momento em que os policiais teriam reprimido o protesto. Assim, o texto atribui a esses(as) ativistas específicos(as) a realização de ações que culminariam no conflito com a BM. Posteriormente, o jornal qualifica como “campo de batalha” o local em que se situava o protesto e relata os seguintes repertórios utilizados por manifestantes: danos a patrimônios (denominados “depredações”), pichações e ataques a estabelecimentos (sob o termo “saques”). Por outro turno, Zero Hora não detalha a ação policial. O jornal narra que, após serem atacados por manifestantes (com “coquetel molotov e pedras”), teriam os policiais reprimido os(as) ativistas “com bombas de gás lacrimogêneo e outras armas de efeito moral”. Como resultado da ação policial, é informado que “pelo menos 18 pessoas foram presas”.

TABELA 4 – COBERTURA DE ZERO HORA AO PROTESTO DE 20 DE JUNHO

Amplitude da cobertura	Uma nota, reportagem especial (com nove notícias), dois artigos e uma coluna
Seção do jornal	Geral
Tamanho	Pelo menos 20 mil manifestantes
Identidade	Multidão, com manifestantes majoritariamente pacíficos e apartidários; minoria de “vândalos”
Reivindicações	Objetivo de “construir um país melhor”: transporte público, habitação, contra a corrupção, contra os gastos de obras para a Copa do Mundo de 2014, contra projetos em tramitação no Congresso, como a “cura gay”
Repertórios dos manifestantes	Passeata, danos a patrimônios, pichações, saques
Repertórios policiais	Bombas de gás lacrimogêneo e outras armas de efeito moral, prisões
Espontaneidade	Sim

Fonte: autoria própria.

CONCLUSÃO

A espontaneidade tem sido identificada como uma característica fundamental na interpretação de algumas mobilizações contemporâneas. Porém, não há um consenso geral sobre o sentido do termo, nem estudos que problematizem a sua utilização fundada em definições da mídia. O presente artigo busca contribuir nessa linha. Para isso nos propusemos a comparar diversos protestos que, na Argentina e no Brasil, têm sido enquadrados como espontâneos e não espontâneos.

A partir das notícias analisadas, foi possível produzir uma síntese dos elementos que, em conjunto, diferenciam, segundo as interpretações da grande mídia desses países, mobilizações espontâneas de não espontâneas:

TABELA 5 – SÍNTESE DOS ELEMENTOS DE DIFERENCIAÇÃO MIDIÁTICA ENTRE MANIFESTAÇÃO ESPONTÂNEA E MANIFESTAÇÃO NÃO ESPONTÂNEA.

	Manifestação espontânea	Manifestação não espontânea
Amplitude da cobertura	Maior	Menor
Seção do jornal	Geral ou política	Geral ou política
Tamanho da manifestação	Maior	Menor
Identidade dos manifestantes	Apartidários, não vinculados a organizações	Grupos de esquerda
Conteúdo das reivindicações	Contra a corrupção	Contra o aumento do custo dos serviços públicos
Diversidade das reivindicações	Diversas pautas	Uma pauta central
Repertórios dos manifestantes	Passeatas ou concentrações em locais públicos	Passeatas ou concentrações em locais públicos
Repertórios policiais	Menos repressivos	Mais repressivos

Fonte: autoria própria.

Da tabela depreende-se que os elementos que mudam centralmente entre as manifestações tidas como espontâneas e as tidas como não espontâneas são os seguintes: amplitude da cobertura, tamanho da manifestação, identidade dos manifestantes, conteúdo e diversidade das reivindicações, repertórios policiais.

Manifestações interpretadas como espontâneas tiveram mais ampla cobertura midiática e foram maiores em tamanho. A essa característica da grandeza dos protestos parece estar vinculada a diversidade de pautas, dado que o aumento no número de manifestantes tende a dificultar o consenso em torno de uma única demanda. Ademais, em manifestações tidas como espontâneas, destaca-se a ideia de “apartidarismo” dos atores envolvidos.

Dentre esses elementos, é interessante notar que, quando há a presença de manifestantes tidos como “de esquerda” e de partidos políticos, interpreta-se que a manifestação não foi espontânea, mas sim organizada segundo o interesse desses grupos. Quando os manifestantes são identificados como “apartidários” e as pautas difusas, atrela-se o protesto à ideia de espontaneidade, como se a mobilização repercutisse “interesses gerais” e difusos na sociedade. Essa espécie de “naturalidade” de ocorrência do protesto é contestada pelos teóricos dos movimentos sociais, pois, segundo tais teorias, qualquer evento de protesto está vinculado a interesses específicos de determinados grupos sociais, os quais mobilizam recursos em prol das causas defendidas.

Nesse sentido, a ideia de espontaneidade acaba por escamotear os interesses em disputa nos protestos tidos “apartidários”, transmitindo-se um tom de “naturalidade” a mobilizações que são construídas a partir de interesses específicos de determinados atores (e não da sociedade “como um todo”). Essa conclusão desvela a atuação das grandes mídias como meios de construção de uma ideia de “bem geral”, que na verdade beneficia apenas determinados grupos. Por outro turno, quando as mobilizações são identificadas como “de esquerda”, enfatiza-se os interesses desses grupos, demarcando-se que tais interesses não repercutem na sociedade “como um todo”. Conclui-se, portanto, que a grade mídia operacionaliza um uso político da noção de espontaneidade, como forma de legitimação de protestos identificados como “apartidários”, em oposição a protestos conduzidos por grupos situados à “esquerda” do espectro político.

RECEBIDO EM 14/06/2017
APROVADO EM 14/07/2017

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova*, v. 76, 2009, p. 49-86.

BENFORD, Robert. An Insider's Critique of the Social Movement Framing Perspective. *Sociological Inquiry*, v. 67, 1997, p. 409-430.

DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. Respeitável Público: Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. *Revista Novos Estudos*, v. 97, 2013, p. 43-55.

FERNANDES, Eduardo Georjão. *Campos de batalha jornalística: os enquadramentos construídos por Zero Hora, Diário Gaúcho e Sul21 na luta pela (i)legitimidade do ciclo de manifestações de 2013*, em Porto Alegre/RS. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2016.

GOLD, T. Participación ciudadana más allá de lo electoral Cacerolazos y legitimidad política en la Argentina reciente. Del "13-S" al "8-A". In: ANNUNZIATA, Rocío (comp.), *Pensar las elecciones*. Democracia, líderes y ciudadanos. Buenos Aires: Clacso, 2015.

KOOPMANS, Ruud. Movements and Media: Selection Processes and Evolutionary Dynamics in the Public Sphere. *Theory and Society*, v. 33, n. 3/4, 2004, p. 367-391.

MUHALE, Miguel. *Lutar, criar poder popular: uma perspectiva etnográfica do Bloco de Lutas pelo Transporte Público em Porto Alegre/RS*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2014.

SNOW, David Alexander.; BENFORD. Robert. Master Frames and Cycles of Protest", In: MORRIS, Aldon; MUELLER, Carol McClurg (orgs.). *Frontiers in Social Movement Theory*, New Haven: Yale University Press, 1992.

SNOW, David Alexander.; BENFORD. Robert. Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization. *International Social Movements Research*, v. 1, 1988, p. 197-218.

SNOW, David Alexander.; MOSS, Dana. Protest on The Fly: Toward a Theory of Spontaneity in the Dynamics of Protest and Social Movements. *American Sociological Review*, v. 79, n 6, 2014, p. 1122-1143.

TUCHAMN, Gaye. *Making news*. New York: The Free Press, 1978.